

08-05-2024

UM OBJETO PERDIDO QUE PERSISTE?

Alan Machado

[Doutor em Educação, linguista, psicanalista e professor da Universidade Estadual de Goiás]

Essa espécie de angustiante seria o infamiliar e, nesse caso, seria indiferente se ele mesmo era originariamente angustiante ou se carregava algum outro afeto consigo (Freud S. In: Das unheimliche).

Outro dia encontrei um conto de Franz Kafka bem estranho. Aliás, o que não é estranho em Kafka? O conto curtíssimo se chama *A preocupação do pai de família*, mas pode ser encontrado também com o título *Odradek*, que é o nome do personagem.

Se me causou incômodo a leitura de *Metamorfose*, ali pelos 20 anos de idade, encarando aquele mundo angustiado de Gregor Samsa, imaginem esse misterioso *Odradek*. A curta narrativa a que me refiro tem início com uma discussão puramente de linguagem. O narrador lança o nome de seu personagem e discute a dificuldade de definição. Para ele, as definições são insuficientes: *nenhuma delas nos dá uma explicação da palavra*.

E eu pergunto: seria *Odradek* esse significante arredo à simbolização cuja persistência em uma ordem simbólica soaria mais como um furo? *Odradek* seria o ponto de tensão que se instaura na rede significante quando no deslizar do significado sob o significante sobra um átimo de vazio entre um significado que se foi e outro por vir e que persiste à revelia do que vem?

Da tentativa fracassada de dar origem a *Odradek*, buscando raízes e sentidos etimológicos no eslavo e no alemão, matrizes dos povos iugoslavos, resta ao narrador do conto uma certeza: *ninguém perderia tempo em tais estudos se não existisse realmente um ser chamado Odradek*. É então que Kafka se põe a descrever esse ser que avilta a rede simbólica pelo simples fato de estar ali lançando um sem sentido num mundo que não tem razão de ser sem algo que denote finalidade e sentido. A partir da descrição do personagem notamos que é uma espécie de carretel de linha estilizado; que tanto tem a ver com a escrita, com a narrativa, pensando-se a narrativa como a trama de fios que vai tecendo uma história, com ação e vidas pulsantes, mas que também pode ter a ver com a infância uma vez que o narrador diz que o personagem tem uma capacidade de entendimento linguístico de uma criança. Quando o descreve, caracteriza-o como um carretel de linha, embora também desencaixado dessa função: *Não é apenas um carretel; do centro da estrela sai uma hastezinha*

*e nesta se articula outra em ângulo reto. Com a ajuda desta última de um lado e um dos raios da estrela do outro, o conjunto pode ficar em pé como se tivesse duas pernas. O carretel de linha feito de madeira, atravessado por uma liga fina de borracha presa em uma das extremidades por uma pequena rodilha de parafina e na outra por um palito de fósforo, que girado torce a liga e faz o carretel se movimentar de forma desajeitada. Essa descrição de um brinquedo artesanal de infância, uma feliz bricolagem, torna o personagem de Kafka fora do comum, quando seguimos a descrição humanizada que o autor imputa a ele. *Odradek* é algo de difícil classificação, difícil de apanhar. Fala e ouve apesar de que não lhe façam perguntas complexas, porém se fala tem algo de humano, da ordem significante. Seria um isso que fala?*

Um estranho objeto perdido da infância, que permanece e atravessa as eras da consciência sendo o que é, arredo e inapreensível? Kafka tem uma resposta: *o conjunto parece sem sentido, porém completo à sua maneira. Nada mais podemos dizer, porque Odradek tem extraordinária mobilidade e não se deixa capturar*. Ora vejam, um objeto que fala precariamente, que se mostra e, no entanto, que não se deixa capturar? Parece o próprio inconsciente, com seus restos de infância em movimento, que redundam em enigmas àqueles a quem se mostra; que perdura à revelia do tempo e das gerações. Indo mais adiante, *Odradek* também pode ser a língua eslava, originária do autor, aquela aprendida no seio das relações primárias. Pode ser o próprio Kafka perdido entre ser eslavo ou alemão, entre ser eslavo e escrever em alemão. Parece a própria literatura atravessando o tempo e virando o enigma que faz a máquina da linguagem humana girar, impulsionada pela tensão do vazio, da angústia, da falta de sentido que precisa ser repostado para amenizar o incômodo, o estranhamento, como dizia Freud, o *unheimlich*.

A meu ver, *Odradek* é o mais misterioso personagem de Kafka. Ele retira do leitor a possibilidade de lê-lo de imediato, às vezes parece apenas um significante vazio que nos angustia.

Por fim, entrego a Kafka o ponto final deste texto com o ponto final enigmático de sua narrativa:

Tudo que morre teve antes um objetivo, uma espécie de atividade, e assim se gastou; isto não acontece com Odradek. Descerá a escada arrastando fiapos frente aos pés de meus filhos e dos filhos de meus filhos? Não faz mal a ninguém mas a ideia de que possa sobreviver-me é quase dolorosa para mim. Há braços!

■ ■ ■

Referências: Freud S. *O infamiliar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

Kafka F. *Odradek, A preocupação do pai de família*. In: *Um médico rural: pequenas narrativas*. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.